



UEPB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA/PB

BEATRIZ PEREIRA MACHADO

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:
DANDO SENTIDO AO MUNDO E ÀS ESCOLHAS PROFISSIONAIS**

GUARABIRA – PB
2014

BEATRIZ PEREIRA MACHADO

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:
DANDO SENTIDO AO MUNDO E ÀS ESCOLHAS PROFISSIONAIS**

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades/ Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para obtenção do Grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marisa Tayra Teruya.

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M149m Machado, Beatriz Pereira

A música como instrumento de aprendizagem [manuscrito] :
dando sentido ao mundo e às escolhas profissionais / Beatriz Pereira
Machado. - 2014.

36 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de História".

1. Música. 2. Aprendizagem. 3. Memorial. I. Título.

21. ed. CDD 780

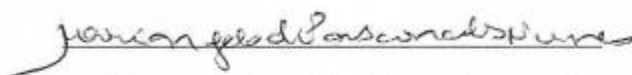
BEATRIZ PEREIRA MACHADO

**A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM:
DANDO SENTIDO AO MUNDO E ÀS ESCOLHAS PROFISSIONAIS**

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, consisting of several large, rounded loops and a long horizontal stroke at the end.

Profª Drª Marisa Tayra Teruya
Departamento de História – Campus III – UEPB
(Orientadora)

A handwritten signature in black ink, featuring a large, stylized initial 'M' followed by a series of connected loops.

Profª. Drª. Mariângela Nunes Vasconcelos
Departamento de História – Campus III - UEPB

A handwritten signature in black ink, with a large, stylized initial 'F' and a long horizontal stroke extending to the right.

Prof. MSc. Flávio Carreiro de Santana
Departamento de História – Campus III – UEPB

Aprovada em: 18/02/2014

Dedico este trabalho aos meus familiares, e em especial a minha mãe e ao meu pai, essenciais, pela compreensão, paciência e incentivos em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por permitir que eu conseguisse concluir esse trabalho com toda sua proteção.

Agradeço também à minha família. À minha mãe, por ter me dado força e ter participado de todo o meu desenvolvimento ao longo desses quatro anos de graduação, ao meu pai e aos meus irmãos que sempre estiveram comigo, me apoiando no que foi necessário para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos colegas de sala que compartilharam momentos únicos ao meu lado durante a graduação. Em especial a Paulo Gracino e Francinaldo Augusto, que foram meus companheiros não apenas durante os estágios, mas ao longo do curso. E também às minhas amigas e ao meu namorado que me ajudaram e me incentivaram a seguir sempre em frente.

A todos os professores que passaram pela minha história de vida escolar contribuindo assim para minha formação e educação.

E em especial, à professora Marisa Tayra Teruya, que não mediu esforços em me orientar e ajudar na realização deste trabalho.

“Tenho certeza de que cada momento de minha vida tem uma trilha sonora. Se pudesse escutar todas as músicas das quais me lembro, certamente momentos vividos ficariam ainda mais vivos em minha mente. É impressionante como a música ativa a memória de tal forma que, ao fazer tal relato, foi-me possível reviver cada momento destes que falei. Parece que se volta ao passado, revendo até os episódios. Tristeza, alegria, paixão, harmonia, saudade, paz... são sentimentos que a música nos traz.” (Carolina)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consiste no Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório II, realizado ao longo do ano de 2013, nas cidades de Araçagi e Tacima, municípios da Paraíba. O texto está dividido em duas partes, a primeira trata-se de um “Memorial de vida escolar” justificado na crença de que é necessário que saibamos articular nosso saber acadêmico à nossas experiências vividas e a segunda parte trata das experiências do “Estágio Supervisionado II”. Toda a experiência de rememoração e de trabalho de campo é permeada pela música, que faz parte do meu cotidiano e que utilizei como um instrumento de ensino-aprendizagem na sala de aula. O objetivo é mostrar o quanto a música pode servir de base para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, ajudando na interação e no conhecimento dos mesmos.

Palavras-chave: Música; Aprendizagem; Memorial.

ABSTRACT

This work consists of completion of Internship Report on Mandatory Supervised II, held throughout the year 2013, in the cities of Araçagi and Tacima, municipalities of Paraíba. The text is divided into two parts, the first of them is a "Memorial of school life" justified in the belief that it is necessary to know our academic knowledge to articulate our experiences and the second part deals with the experiences of the "Supervised Internship II" . The whole experience of remembering and field work is pervaded by the music, which is part of my daily life and I used as a tool for teaching and learning in the classroom. The aim is to show how music can serve as a basis for the development and learning of students, helping in the interaction and knowledge thereof.

Keywords: Music; Learning; Memorial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PARTE UM: MEMORIAL DE VIDA ESCOLAR “MARCAS QUE FICARAM”.....	11
A MÚSICA.....	16
A utilização da música na sala de aula	17
PARTE DOIS: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	21
Oficina “Diversidades Nordestinas: Vaquejada”	21
Regências na Escola “Terlópedes Cruz”: Exercitando à docência.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio pretende cumprir com as exigências do componente Estágio Supervisionado II do Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. O roteiro exigido consiste da apresentação de um Memorial de nossa vivência escolar e da descrição e reflexão das experiências vividas no Estágio Supervisionado.

Um memorial de nossas vidas escolares se justifica na crença de que é necessário que saibamos articular nosso saber acadêmico à nossa experiência vivida, pois não somos somente professores, mas também membros de uma comunidade específica, tenhamos ou não crescido ali. Ao mesmo tempo, somos sempre sujeitos múltiplos e refletir sobre nossa jornada é uma proposta de (re) construir constantemente a forma como nos percebemos no mundo. Ao mesmo tempo, é uma forma de percebermos o outro, o nosso aluno, a nossa aluna.

O estágio foi vivenciado de duas formas distintas. Primeiro foram as oficinas, dadas em grupo, que consistiram numa proposta de observação do ambiente escolar, mas de uma forma mais participativa. O período 2013-1 foi marcado por uma greve da Universidade e cujo período letivo acabou por mesclar-se com as férias escolares do ensino básico. Por este motivo, o estágio foi reformulado para uma série de encontros de formulação de projetos e ao final, minha turma reservou um dia para ministrar todas as oficinas ao mesmo tempo, ocupando todo o espaço e turmas da Escola Olívio Maroja, que fica no Assentamento Maria Preta, na cidade de Araçagi/PB. Meu grupo trabalhou com o ensino fundamental, numa turma de 6º ano, cujo tema da oficina foi “Tradições Nordestinas: Vaquejada”, onde o tema gerador buscou trabalhar a história da comunidade a partir da exploração do conhecimento prévio e principalmente da vivência dos alunos em torno desta festa.

A segunda parte do estágio foi realizada individualmente na escola que fosse mais conveniente a cada professor estagiário. Este período (2013-2) também foi afetado pelo novo calendário acadêmico da UEPB, e para não corrermos o risco de não termos permissão das escolas, a maior parte da turma preferiu realizar o estágio no mês de

setembro.¹ No caso, meu estágio de regência foi realizado em turmas de 8º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Supletivo Terlópides Cruz, localizada na Praça João Ferreira, situada no Centro da cidade de Tacima/PB.

Em todas as fases deste relatório, a música está presente e “costura” minhas ideias e iniciativas, permitindo que eu me sinta mais viva e participante, bem como, vai dando sentido para as minhas escolhas, na vida e na profissão. Acredito que a música é prazerosa não só para mim, mas também para os adolescentes com quem convivi e pode permitir canais de interação entre o professor e a turma, o que é importante quando se teme tanto as relações de convivência na sala de aula.

Portanto, a música é peça fundamental para a elaboração desse trabalho, tendo em vista que ela esteve presente ao longo do estágio, da graduação e da minha vida e acredito, atua como contribuinte para o desenvolvimento da inteligência e da interação do ser.

¹ Setembro era o recesso da Universidade. Concordamos que se esperássemos o início do período 2013-2, a maioria das escolas já estaria encaminhando o período de finalização dos conteúdos e articulando o fechamento do ano letivo.

PARTE UM: MEMORIAL DA VIDA ESCOLAR, “MARCAS QUE FICARAM”

“Lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição.”
(E. Bosi)

Sou Beatriz Pereira Machado. Nasci no dia 10 de Janeiro do ano de 1992, na cidade de Belém-PB, mas moro na cidade de Tacima. Sou filha de Edvaldo Machado Filho e Lucilene Pereira Machado, tenho duas irmãs e um irmão: Maria Bianca, Luana e Edvaldo. Nasci numa família privilegiada, não de bens materiais, mas de amor e afeto. A certeza do amor dos meus pais e do desejo deles de sempre quererem o melhor para nós. Desde cedo entendi que estudar era uma das maiores preocupações dos meus pais, por isso houve um significativo investimento familiar na educação dos filhos.

Assim, aos dois anos, tive meu primeiro contato com um ambiente escolar, na Escola Municipal Joaquim Lins de Albuquerque. A professora, Maria Cristina de Lima (conhecida por todos nós como Cidinha), passava todas as tardes em minha casa para levar-me à escola. Foi com ela que rapidamente aprendi as letras, as sílabas, as palavras e comecei a me encantar pela leitura.



Em 1996, aos quatro, iniciei a alfabetização na Escola Estadual “Pedro Targino”, situada na praça central de Tacima. Era uma escola pública, porém, muito rígida com os horários. Na escola existia um pátio onde se realizava a distribuição de merendas e onde

brincávamos durante o recreio. As brincadeiras eram as mais variadas, como pique-esconde, dono da rua, garrafão, ciranda, etc. Era muito bom e só posteriormente entendi a importância do brincar, pois é brincando que a criança consegue expressar suas vontades e muitas vezes consegue até ultrapassar seus limites, começa a se relacionar com o mundo e isso ajuda no seu desenvolvimento, tanto cognitivo, quanto afetivo e social, pois como afirma Fontana & Cruz(1997, p. 139):

“brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, expressar-se, compreender-se, conformar-se, negociar, transforma-se, ser”.

A minha professora da alfabetização foi D. Maria Ribeiro, que era o que chamamos atualmente de professora leiga, pois não era formada. Mas foi com ela e seus momentos de leitura que se desencadearam em mim, ainda mais, o gosto, o interesse e o prazer pela leitura. Foi com ela que aperfeiçoei a minha prática de escrita e leitura, tanto que, aos cinco anos, me mandaram para a 1ª série do ensino fundamental. Depois de algumas confusões, entenderam que por ser ainda muito nova, seria melhor ficar na alfabetização por mais um ano.

Durante o período que estudei nessa escola, o destaque era para o Dia das Mães, quando eu e minhas colegas participávamos das recitações de poesia. Também me lembro do São João e das quadrilhas. Na Semana da Pátria cantávamos o Hino Nacional e hasteávamos a bandeira.

Aos seis anos, meus pais decidiram me tirar dessa instituição de ensino e me matricularam no Centro Educacional Santa Cecília (CESC). Era uma escola particular, a única da cidade, onde estudei os dois primeiros anos do fundamental. Estava acostumada a ter apenas um professor para todas as disciplinas, mas lá, cada disciplina era ministrada por um professor diferente (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Língua Inglesa). Achei isso estranho. Também tive meu primeiro contato com a Língua Inglesa, com o professor José Geraldo Teixeira, já falecido. Nesta escola também havia um pátio bem amplo, com um parque onde jogávamos e brincávamos muito.²

Então, aos oito anos, fui para a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Terlópides Cruz”, e foi lá que passei a maior parte da minha vida escolar. Na segunda fase do Fundamental tive excelentes professores de Matemática, uma disciplina que eu

²Entendo que o professor deve investir na brincadeira, no lúdico, no prazer possível de aprender e estar numa escola, e como a música pode ser um bom caminho, para mim e para os meus alunos.

gostava e tinha certa facilidade de assimilação dos conteúdos. Adorava Inglês e destaco o Professor Severino de Sousa Neri (conhecido por todos nós como Professor Santos), que com sua metodologia, através de leituras de textos e principalmente com a utilização de músicas, facilitou e muito nosso aprendizado.

Meus professores de Língua Portuguesa tinham metodologias interessantes: leituras, recortes de revistas e jornais, filmes e músicas. Estas possibilidades desenvolviam em nós, alunos, habilidades de leitura, produção de textos e funcionamento da língua. Foi a partir das aulas de língua portuguesa e língua inglesa que logo pude entender que a relação “estudo e música” era algo que me ajudava e facilitava meu aprendizado.

Quanto às aulas de História, os professores, mesmo utilizando basicamente do livro didático, sem uma metodologia muito dinâmica, ainda assim conseguiam me encantar a cada aula. Eu constato que, de alguma forma, eles utilizavam nosso conhecimento prévio nas aulas, faziam pontes para que nós pudéssemos estabelecer ligações entre o nosso mundo e a lição que deveríamos aprender.

Será que a escola era tudo isso mesmo ou eu era encantada com o ambiente? Será que a minha família construiu uma imagem da escola de forma a fazê-la estimulante? Acho que tive de fato, bons professores, mas articulo toda a minha ideia da escola como uma representação construída no ambiente familiar. Por isso, mais do que nunca, acredito, conforme afirma NEMI, MARTINS, 1996, que:

“o aluno já chega à escola com determinados conhecimentos sobre o mundo a sua volta. Não é uma tabula rasa a ser continuamente preenchida ou esvaziada. Esse conhecimento prévio é ponto de partida para a aprendizagem que acontece na sala de aula.” (pag. 56).

E assim, fui passando pela escola. Como diz a historiadora Vavy Pacheco Borges (2003), convivemos e fazemos a História diariamente, desde a infância. Como outras formas de conhecimento da realidade, a História também está sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito, acabado, e nunca se dá ao entendimento de imediato. Vamos dotando nossas vivências de significados e construindo os sentidos de nossas vidas.

Iniciei o Ensino Médio quando fiz quatorze anos. Tive que mudar de escola, já que a Escola “Terlópedes Cruz” só oferecia o fundamental. Fui para a Escola Estadual

de Ensino Fundamental e Supletivo “Tercílio Teixeira da Cruz”. Senti um pouco de estranhamento inicialmente, mas fui me acostumando com o novo ambiente, e a presença dos meus colegas de sala facilitou ainda mais minha adaptação. Tive boas experiências e aprendizagens. Mesmo sendo uma escola estadual tive a sorte de ter grandes professores, que me ajudaram a chegar onde estou atualmente. O Ensino Médio me serviu de ponte para poder conquistar o meu desejo de ser universitária. Neste período, já estava muito envolvida com a música.

No final do ano de 2008, aos 16 anos, fiz meu primeiro vestibular, fiz o ENEM, o vestibular da UEPB e da UFPB, mas infelizmente não consegui atingir a nota necessária para ser classificada e chamada para ingressar na Universidade. Fiquei muito triste, mas sabia que com um pouco mais de esforço eu conseguiria alcançar meu objetivo. No início do ano de 2009 fiz vestibular para UFPB Virtual, fui aprovada e iniciei o curso de Letras no segundo semestre do ano de 2009. No final deste ano tentei o vestibular para História na UEPB e iniciei o curso em 2010.

O curso de História trouxe muitas novidades. Comecei a enxergar o mundo de outra forma. No primeiro ano, mesmo com as dificuldades iniciais, tive experiências interessantes e que foram fundamentais para entender/confundir meu aprendizado como futura professora e historiadora. Destaco os cursos de extensão e a possibilidade de ter apresentado um trabalho vinculado ao Projeto de Extensão “Estruturação de um arquivo histórico com processos do TRT-13 no Campus III da UEPB”³ em Campina Grande, juntamente com o grupo coordenado pelo Professor Tiago Bernardon de Oliveira.

Em algumas de minhas apresentações de seminários, tive a oportunidade de mais uma vez colocar em prática aquilo que acredito ser a forma que tenho de me expressar: a música. Além de terem sido seminários e micro-aulas com temáticas interessantes, também se tornavam muito participativas e descontraídas, quando utilizávamos músicas (paródias).

Em um trabalho da disciplina Prática Pedagógica, orientado pela professora Mariângela, utilizamos a música como recurso didático no ensino da História, foi nesse momento em que a música como instrumento de aprendizagem se firmou em minha

³ Trata-se de um projeto apresentado em Abril de 2011, à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC), de acordo com o edital para bolsas de extensão concedida a projetos PROBEX.

vida, foi a partir desse momento de abertura para a utilização da música dentro da graduação que pude de fato perceber que a música iria servir como auxílio ao longo da minha graduação e da minha vida profissional. Fizemos, coletivamente, uma leitura da letra e melodia da canção “Alegria, Alegria”⁴(1967), de Caetano Veloso, e buscamos, a partir da obra, discutir subjetividades existentes em seu texto. Identificávamos as relações existentes entre a canção e um dos movimentos musicais mais importantes da Música Popular Brasileira: o Tropicalismo e contextualizando historicamente sua produção ao período da ditadura militar e aos anos sessenta. No final da aula, nosso grupo⁵distribuiu para a turma uma paródia que elaboramos previamente, da música “Alegria, Alegria” bem descontraída que fazia referência à nossa vivência dentro do curso. Eis alguns trechos:

“Caminhando a favor do vento
Buscando conhecimento
Dois mil e treze em dezembro
Eu vou...

Eu quero é seguir em frente
Vou concluir minha História
Guardar na minha memória
Eu vou...

Passando noites em claro
Fazendo as minhas leituras
Em livros, papéis, cadernos
História e muita Cultura...

A sala é nosso universo
Me sinto assim no progresso
Vou lendo tanta notícia
Eu vou...”

Essa paródia, como já mencionei, fazia alusão ao que estávamos vivenciando no curso. No momento em que distribuimos a paródia para toda a turma, peguei o violão e com a ajuda de todos fomos cantando toda a paródia para finalizar a aula. Divertimo-nos muito. Acho que foi uma aula consequente e prazerosa, como ambicionávamos.

⁴“**Alegria, Alegria**” é uma canção da autoria de Caetano Veloso que foi um dos marcos iniciais do movimento tropicalista em 1967. A single foi lançada (com Remelexo no lado B) em 1967 e também integrou o álbum Caetano Veloso, do mesmo ano.

⁵Grupo composto por Paulo Gracino, Francinaldo Augusto e eu.

O momento em que mais “me encontrei” no curso foi nos anos finais, principalmente durante o estágio, quando pude pôr em prática o ofício de ser professora. Em meio aos estágios, fui percebendo o quanto mudara, pois foi a partir da vivência, da interação com os alunos dentro da sala de aula, que pude perceber o quanto poderia ser importante para mim não apenas transmitir os conhecimentos, mas aprender com as experiências daqueles meninos e meninas que vinham à escola com uma carga de conhecimento de mundo, pois cada experiência vivenciada por eles, por menor que seja nos traz novos conhecimentos.

Sinto-me realizada por estar concluindo uma graduação tão importante para mim, não apenas pela formação, mas por toda a experiência e conhecimento que tive a oportunidade de adquirir ao longo desses quatro anos de curso, e ainda mais por saber que posso e venho pondo em prática aquilo que gosto de fazer, que é a utilização da música ao longo das experiências vivenciadas nessa graduação.

A MÚSICA

Poderia ter inserido a música no meio do meu relato da vida escolar. Contudo, prefiro fazê-lo separado, por entender que ela, a música, foi a linha que costurou os meus espaços vividos e que me ajuda a estar e entender o mundo.

No início da minha adolescência, aos treze anos de idade, tive meu primeiro contato com a música. Ainda na Escola Terlópedes Cruz, iniciei tocando pratos na Banda Marcial da escola. Um ano depois, a Prefeitura organizou um curso de música para tentar formar a 1ª Banda Filarmônica da cidade, e então, iniciei as aulas de música. Era esforçada e dedicada. Consegui realizar todas as lições e comecei a ter contato com os instrumentos. Iniciei aprendendo a escala da Requinta (instrumento de sopro da ‘família’ dos clarinetes), e logo após, comecei a tocar saxofone alto. Durante as aulas ia me envolvendo com os instrumentos, e por uma vontade que já tinha desde a minha infância, aprendi a tocar violão. Naturalmente, os acordes, as melodias e os ritmos foram me envolvendo e a música fazia parte de minha vida. Aos dezesseis anos, tocava pratos, requinta, saxofone, alguns instrumentos de percussão e violão.

Toquei na Banda Filarmônica de Tacima, e fui convidada para tocar também na Banda Filarmônica 12 de Agosto, na cidade de Araruna. Além do prazer, a música



Figura 2. Banda Filarmônica 12 de Agosto, Araruna/PB.



Figura 3. Banda Filarmônica de Tacima/PB

começou a me ajudar financeiramente, pois recebíamos, mensalmente, uma quantia, que ajudava a todos os integrantes, principalmente na manutenção dos instrumentos. Durante anos atuei nas duas bandas simultaneamente e a música firmou-se definitivamente em minha vida.

Pude perceber que de fato a música vem me ajudando a entender o mundo e também dando mais sentido para as minhas escolhas profissionais. Ao longo das experiências vivenciadas em sala de aula, durante o estágio, compreendi que a utilização da música, e também, a criação de paródias ajuda e muito na concepção do alunado sobre determinados temas. A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar essa tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

A utilização da música na sala de aula

É de grande valia e importância à utilização da música na sala de aula, mas assim como todos os instrumentos de aprendizagem, a música, quando associada à outra disciplina nos traz constatações favoráveis e desfavoráveis. Segundo Martins Ferreira (2005), a principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho comunicativo que não o verbal – mais comumente utilizado. Com a música é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo. Porém, paradoxalmente, a principal desvantagem da utilização da música associada à outra disciplina é o fato de ela se caracterizar como outra linguagem e, dessa forma, apresentar inúmeras barreiras

ao profissional que intencione dela fazer uso, mas que não a domine (ou pense que não a domina).

Martins Ferreira (2005), também nos deixa clara a importância e a facilidade que a utilização da música proporciona para os alunos, mas também nos mostra as dificuldades que o professor pode sofrer ao levar esse instrumento didático para a sala de aula, quando ele afirma que:

“a abstração que a linguagem musical suscita é patente e, como afirmamos anteriormente, é ela que facilita a compreensão do aluno e dificulta a atuação do professor (mesmo do professor que saiba música, pois uma coisa é ensinar música e outra é ensinar outra disciplina fazendo uso da música) na relação aprendizado-ensino como subsídio a uma outra disciplina, esta normalmente fundada em fatos concretos.” (FERREIRA, 2005, p. 14).

Existem também, outras dificuldades pontuadas por professores em relação à utilização da música como instrumento didático, pois muitos não sabem tocar nenhum instrumento, ou não sabem cantar. Mas, além da utilização de instrumentos em sala de aula, há outras formas de trabalhar com a música, por exemplo, existem diversos aparelhos midiáticos que podem ser aproveitados para levarmos a músicas até a sala de aula, tendo em vista que existem também, várias possibilidades de músicas que podemos utilizar, não apenas para a disciplina de história, mas para toda e qualquer disciplina.

No entanto, devemos lembrar que antes da aplicação de qualquer tipo de atividade, é prescindível que o professor ouça muita música, e pesquise sobre ela para adquirir conhecimentos e poder valorizar a música como ela merece, já que elas trazem uma grande gama de conhecimento, quando se é bem explorada, pois a música oferece suporte para diversas atividades, mesmo que, muitas dessas músicas quando são criadas não tenham esse propósito de ser aplicada como uma atividade. Como afirma Martins Ferreira,

“a música não é desenvolvida para uma determinada atividade proposta, mas sim uma atividade proposta faz uso dos recursos que cada música pode oferecer em cada caso.” (FERREIRA, 2005.p. 12).

Ou seja, basta apenas o professor colocar toda sua criatividade em prática, para poder, a partir da música, levar ainda mais conhecimento e de uma forma mais prazerosa para seus alunos.

“O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando novas práticas e um dos caminhos para tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para a dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas, outra seria a introdução de inovações das técnicas amplamente conhecidas e empregadas.” (LOPES, 1991. p.35).

Assim sendo, pretendo sim utilizar a música ao longo da minha profissão (com o auxílio do violão, e também com a confecção de paródias), tentando sempre esmiuçar e tirar dela todo o conhecimento e recurso que a mesma nos dispõe, selecionando sempre aquilo que é mais útil e também adequado não apenas para mim, mas para todos os alunos, de acordo com a realidade de cada um.

A linguagem da música esteve sempre presente desde as mais antigas tribos e civilizações humanas reportadas pela história, e há muito vem sendo utilizada como uma ferramenta educacional para crianças e adultos. Jusamara Souza (2009) sai em defesa do uso da música no cotidiano do aluno, a música difundida por meios midiáticos. Além disso, ela nos mostra que o professor deve trabalhar com os recursos tecnológicos disponíveis como o celular e o computador como ferramentas para produzir, apreciar e compartilhar música. Dessa forma, a música do cotidiano dos alunos deve ser acolhida, respeitada e utilizada na sala de aula.

É notório que existem muitas possibilidades de instrumentos midiáticos que ajudam na utilização da música para a aprendizagem dos alunos. Essa multifuncionalidade dos instrumentos digitais estimulam os jovens na aprendizagem. Cabe ao professor buscar a melhor forma de utilizar todas essas tecnologias disponíveis para ser seu aliado na hora de ensinar, tendo em vista que os jovens tem uma grande facilidade de utilização dessas tecnologias.

Devemos ampliar nosso olhar em relação às múltiplas possibilidades de ensino/aprendizagem existente na atualidade, e buscar levar em consideração aquilo que está mais presente no cotidiano de nossos alunos, vejo a música como uma grande aliada, quando se é bem trabalhada, mas ela também pode tornar-se um instrumento de tormento para os alunos, se o professor não souber selecionar, apreciar e valorizar a música como ela merece. No que diz respeito a essa valorização do conteúdo e informação que a música nos traz, Martins Ferreira, nos alerta que:

Antes de qualquer coisa, antes da aplicação de qualquer atividade, é preciso que o professor ouça muita música (não basta ler livros como este), dos mais variados tipos, ou seja, que deixe preconceitos de lado e experimente todas

as variedades possíveis, para então formar sua opinião a respeito e, como bom ouvinte que será, saber selecionar aquilo que é mais útil e adequado para si e para o aprendizado de seus alunos. (FERREIRA, 2005, p. 10-11).

A seleção da música a ser trabalhada é um fator de grande importância. Nesse sentido, para que saibamos qual a música mais apropriada para se trabalhar em sala de aula é necessário primeiramente termos um amplo conhecimento das inúmeras possibilidades de músicas existentes. Lembrando-se sempre que “o professor deve usar a música para ensinar e nunca para atormentar”, como afirma Martins Ferreira (2005).

Muitas vezes os alunos gostam de determinados tipos de música, que nós, professores, não sabemos como trabalhá-la em sala de aula, pois as letras muitas vezes não ajudam, ou não fazem alusão a realidade de nossa disciplina. Uma boa forma de poder utilizar essas músicas que fazem parte do cotidiano dos alunos é através da criação de “Paródias⁶”, pois assim podemos utilizar a melodia, o ritmo da música que eles gostam e trocar a sua letra por uma nova, utilizando como base dessa criação os temas que estão sendo trabalhados em sala de aula.

A música do cotidiano dos alunos não deve ser ignorada, pelo contrário, deve ser trabalhada da melhor forma possível, pois quando utilizamos material que são do gosto dos alunos às aulas e o aprendizado podem render ainda mais experiências positivas e também mais conhecimentos. O professor deve não apenas ensinar, mas tentar aprender com as experiências de seus alunos, para isso, tomamos para nós o conceito de experiência defendido por Larrosa, qual seja,

“A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca.” (LARROSA, 2004, p. 154).

Portanto, é necessário que o professor esteja bem preparado e também aberto a aprender com os seus alunos, e isso não diz respeito apenas à escolha de músicas.

Por conseguinte, deve ter em mente não apenas as facilidades que a utilização da música pode trazer, mas também as dificuldades, para que possamos nos preparar da melhor forma possível, fazendo diminuir qualquer tipo de dificuldade que possa surgir.

⁶ A **paródia** tem como elemento principal, na maioria das vezes, a *comédia*, ou seja, a partir da estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado. Mantém-se o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo o ritmo – no caso de canções – mas modifica-se o sentido.

Por fim, acredita-se que uma educação que privilegie e inclua a música em seus conteúdos, é uma educação coerente com os novos tempos, na qual, as artes, de um modo geral, têm um lugar de destaque, pois a música é um instrumento facilitador para o processo de ensino-aprendizagem, portanto, deve ser possibilitado e incentivado o seu uso em sala de aula.

PARTE DOIS: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio foi vivenciado de duas formas distintas: primeiro, as oficinas, dadas em grupo na Escola Olívio Maroja, que fica no Assentamento Maria Preta, no município de Araçagi/PB, em uma turma de 6º Ano do Ensino Fundamental, que consistiram numa forma de observação do ambiente escolar de uma forma mais participativa. E a segunda parte do estágio foi realizada individualmente, e consistiu em aulas regenciais na escola que fosse mais conveniente a cada professor estagiário, e, portanto, no meu caso, foi realizado em turmas de 8º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Supletivo Terlópeds Cruz, localizado na Praça João Ferreira, situada no Centro da cidade de Tacima/PB.

Em todas as fases do estágio a música esteve presente, sendo utilizada como instrumento didático de aprendizagem, estratégia que me ajudou a criar canais de interações professora/turmas. Tendo em vista que a interação é algo, muitas vezes, difícil de existir entre o professor e o aluno, mas a utilização desse método de aprendizagem ajudou nessa convivência e interação.

Oficina “Diversidades Nordestinas: Vaquejada”

No dia 23 de Agosto de 2013, nós do 4º ano de História- turma 2010.1 Tarde, realizamos um dia de aula de campo no Assentamento Maria Preta, oferecendo oficinas na Escola Olívio Maroja, na Comunidade Violeta em Araçagi (PB).

Foi a partir do convite de nossa colega de turma Renata Gonçalves, que decidimos ir fazer um dia de oficinas nesse Assentamento, tendo em vista que se tratava de um desejo de levarmos àqueles jovens e adolescentes um encontro escolar diferente, pensando em estimular as diversas possibilidades de escolhas que poderiam ter em suas vidas a partir dos estudos. Aceitamos o convite, e ao mesmo tempo desafio de fazer com que eles sentissem um maior prazer durante as aulas. Então, saímos às 8 da manhã, do referido dia, com destino ao Assentamento Maria Preta. Ao longo do caminho já fomos nos divertindo, tirando fotos e nos encantando com as novas paisagens. Aproveitamos também, para conhecer o percurso diário que nossa colega Renata Gonçalves precisava fazer para chegar até a universidade.

Ao chegarmos ao Assentamento fomos muito bem recebidos, conhecemos alguns pátios de vaquejadas e um pouco da história daquela localidade. Seguimos para a Escola Olívio Maroja, onde começamos a nos organizar para as oficinas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja, está localizada na zona rural do município de Araçagi no assentamento Maria Preta, antiga fazenda Violeta a 18 km da sede do município. A mesma foi fundada em 1964, pelo prefeito Benjamin Rosa, seu nome é em homenagem ao proprietário da Fazenda Violeta, na época o Senhor Olívio Maroja. A Escola encontra-se regularizada através do Decreto 05/79. Ela compreende a Educação Básica, na qual funcionam turmas da Pré-escola ao 5º ano no turno manhã; do 6º ao 9º no turno da tarde e, nesse mesmo turno funciona uma turma de cada ano do ensino médio (1º, 2º, 3º) e uma turma de magistério.

Deparamo-nos com alunos muito comunicativos, diferente das características que a grande parte dos alunos da Zona Rural mostram ter. Ficaram curiosos, principalmente por terem visto pessoas “estranhas” na escola quando chegaram e perceberam que algo de diferente iria acontecer naquela tarde. Muitos alunos se juntaram para conversar e iam olhando em todas as salas o que estava acontecendo. Mas, logo o gestor falou com os alunos e cada turma se dirigiu as suas respectivas salas.

A oficina que ficou a cargo do meu grupo⁷ foi desenvolvida em uma turma de 6º ano. Nossa primeira dificuldade foi ter que lidar com a falta de um dos componentes de nossa equipe, porém, conseguimos repensar nosso plano de aula e assim pudemos dar início a nossa oficina. Uma lição: é importante saber que as coisas não acontecem estritamente como planejamos, e precisamos nos acostumar com o inesperado e as saídas urgentes.

Iniciamos o encontro. Nós nos apresentamos, explicamos e convidamos para a oficina. Fizemos também uma breve explanação sobre o tema, “Tradições Nordestinas: Vaquejada”, e a partir daí começamos. Uma professora da escola ficou nos acompanhando. Fizemos algumas incursões sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema, e como já havíamos pesquisado sobre a realidade local, sabíamos que tratávamos de um tema próximo à vivência de muitos que ali estavam, pois a colega Renata Gonçalves, que nos convidou para realizar as oficinas, durante o planejamento

⁷ Grupo composto por Paulo Gracino, Francinaldo Augusto e eu, tivemos um pequeno imprevisto no dia da aplicação da oficina, pois um dos componentes do grupo, por motivos maiores, não pode nos acompanhar, e de última hora tivemos que reorganizar nosso roteiro de apresentação, mas conseguimos realizar nossa oficina da melhor forma possível.

das mesmas, nos falou que tratava-se de um assentamento com dois pátios de vaquejadas, e que ao trabalharmos com esse tema estaríamos, de certa forma, fazendo com que os alunos se sentissem pertencentes a história, já que tratava-se de uma prática bem conhecida por eles, onde muitos tinham pai, avô ou um irmão, que teriam sido ou eram vaqueiros, ou seja, o tema foi escolhido pensando principalmente na experiência de vida dos alunos.

Alguns alunos foram falando animadamente o que sabiam sobre as vaquejadas, até citaram pais e irmãos que eram vaqueiros, e a partir dessas informações fomos fazendo *links* entre a história da vaquejada⁸ e o cotidiano vivido: como começaram as vaquejadas; quem eram os vaqueiros; as mudanças e permanências que ocorreram ao longo do tempo nessa prática que virou esporte nos dias atuais.

Dividimos a turma em duas equipes, uma para criar uma paródia e outra para confeccionar desenhos que representasse essa prática. Antes, mostramos pinturas de alguns pintores profissionais da cidade de Guarabira, para mostrar aos alunos como poderia ser feita a confecção dos desenhos. Neste segundo momento, cantei e toquei ao violão, a música “Meu vaqueiro, meu peão”⁹, de Rita de Cássia. Percebemos que muitos já conheciam a música, assim a oficina começou a ficar ainda mais dinâmica. Para ajudar a equipe na produção da paródia, fazíamos questionamentos que julgávamos importantes para guiá-los na criação. Na medida em que a composição se constituía, com idas e vindas, íamos digitando e projetando em um *data-show*.

A cada estrofe construída, íamos cantando e tocando para vermos se de fato nossa paródia estava dando certo. E com a ajuda da turma conseguimos produzir a música: **“Minha vaquejada, seu valor”**:

A vaquejada já faz um tempão começou como uma profissão quando o vaqueiro ia trabalhar. Como um bom derrubador conquistou o seu valor e toda admiração...

Minha vaquejada, seu valor do vaqueiro trabalhador até o atleta campeão e valeu o boi... (2x)

⁸A vaquejada é uma festa que teve origem no sertão nordestino com a labuta na criação de gado, ou seja, Originou-se da necessidade de reunir o gado que era criado solto na mata na época dos coronéis. A partir da festa da apartação expressa uma representação cultural arraigada do sertanejo constituindo em uma prática lúdica rural. Atualmente a vaquejada é uma “modalidade esportiva” praticada, sobretudo no Nordeste brasileiro, na qual dois vaqueiros a cavalo devem derrubar um boi, dentro dos limites de uma demarcação a cal, puxando-o pelo rabo. Vence a dupla que obtiver maior número de pontos.

⁹Canção “Meu Vaqueiro, Meu Peão” composição de Rita de Cássia, gravado em 1993 pela banda Mastruz com Leite, torna-se um hino dentro do forró.

Somente a História pode nos contar como a vaquejada foi se transformar fazendo o vaqueiro um campeão

Começou como um trabalhador agora ganha muito valor dá até pra imaginar...

Minha vaquejada, seu valor do vaqueiro trabalhador até o atleta campeão e valeu o boi... (2x)

Nunca mudou, valeu o boi! Tem o vaqueiro mais o boi! Tem o cavalo valeu o boi! É verdadeiro... (2x)

Além de esporte é uma diversão Transformou o vaqueiro em campeão até a festa passou a mudar. Hoje é um evento de grande valor até a mulher também conquistou.

O esporte da paixão...

Minha vaquejada, seu valor do vaqueiro trabalhador até o atleta campeão e valeu o boi... (2x)

Nunca mudou, valeu o boi! Tem o vaqueiro mais o boi! Tem o cavalo valeu o boi! É verdadeiro... (2x)

Após o término da confecção, juntamos toda a turma para cantarmos a paródia que produzimos e a oficina transformou-se em uma grande festa. Juntamos todos os desenhos com a letra da paródia e criamos um cadernão.

Finalizamos. Reforçamos que o nosso objetivo era o de mostrar para a turma que eles são sujeitos da história, que fazem a história no cotidiano e que a vaquejada era um desses espaços coletivos de sociabilidade e que também se transformava juntamente com eles.

Inicialmente os alunos ficaram impactados e acanhados quando se depararam com a presença de pessoas “estranhas” em sala, porém, o receio e estranhamento foram se dissipando quando pedimos ajuda em nossa aula e nos dispusemos a ouvi-los sobre suas vidas. A oficina dá certo em sala de aula! Fazer o aluno produzir, trabalhar, é uma boa forma de fazê-lo refletir. No início, quando ainda estamos apresentando um pouco da história da vaquejada muitos alunos estavam dispersos e não queriam prestar atenção no que estávamos falando, mas a partir do momento que falamos em produzir e começamos, a turma mostrou interesse.

Portanto, é perceptível que ensinar não é apenas passar o conteúdo para os alunos, mas a compartilhar as experiências e, também, a troca de conhecimento mútuo entre alunos e professores, pois a partir do momento em que o aluno participa da

construção do conhecimento, ele se sente mais à vontade e aprende com mais facilidade. E a oficina oferece isso, ela é esse lugar de invenção, criação e descoberta, pois é em meio a uma oficina que os alunos podem fabricar conhecimentos a partir de situações



Figura 4. Confeção da Paródia



Figura 5. Confeção do cadernão

vivenciadas por ele mesmo, esse é o objetivo de uma oficina, produzir coletivamente conhecimentos que permitam aprofundar a reflexão sobre a educação, a escola e a prática que nela se efetiva.

Regências na Escola “Terlópides Cruz”: exercitando a docência

Oito anos após minha “saída” como aluna da Escola “Terlópides Cruz” tive a oportunidade de voltar, agora como professora, e foi uma experiência muito significativa para mim, voltar à escola que foi como um “berço” para minha educação e formação. Fez-me perceber o quanto foi importante cada momento vivido lá dentro, cada professor, cada aula, cada experiência foi de fundamental importância para que eu pudesse chegar até aqui e voltar para essa escola ciente de que agora seria o momento certo de retribuir tudo o que fizeram para minha formação, tanto como estudante quanto como pessoa, e acredito que retribuir ensinando foi a melhor forma que eu poderia ter encontrado para agradecer a essa instituição.

Logo que soube que o estágio seria realizado na escola mais conveniente para nós, professores estagiários me veio em mente a Escola “Terlópides Cruz”, principalmente pelo papel que ele teve em minha formação. Fui falar com a Gestora da Instituição, Zuleide Balbino e também com a professora de História, Lucicleide Rodrigues. Perguntei se poderia estagiar na escola e logo se animaram e me deram todo o apoio necessário para que eu pudesse realizar as regências. Senti-me “em casa”, pois fui muito bem acolhida, tanto pela gestora, quanto pela maioria dos funcionários

daquela escola, inclusive pelos professores, já que a maior parte me conhecia, pois fui aluna da maioria deles.

Primeiro dia da regência

No dia 27 de setembro de 2013 dei início à aula na turma do 8º ano “C”, cujo tema da aula foi “O reinado de D. Pedro I: Uma cidadania limitada”¹⁰. No início todos os alunos entraram, sentaram e rapidamente pude iniciar a aula. Iniciei lembrando a eles um pouco sobre a emancipação política do Brasil, assunto que a professora Lucicleide¹¹ acabara de concluir, e para dar uma maior ênfase ao assunto, apresentei aos alunos a imagem do quadro “Independência ou morte” de Pedro Américo, onde a partir do diálogo e das informações colhidas da última aula, dividi a turma em pequenos grupos e lancei alguns questionamentos para ajudá-los na análise da imagem, ajudando-os a perceber não apenas o que estava desenhado ali, mas os acontecimentos existentes por trás daquela pintura.

Cada grupo ficou responsável por responder uma questão e apresentar a resposta no final da aula. Inicialmente apresentei a eles quem foi Pedro Américo, para que eles sentissem que essa “História do Brasil” não está tão longe deles, explicando-os que Pedro Américo nasceu na cidade de Areia, aqui na Paraíba em 24 de Abril de 1843, e que ele foi historiador, filósofo, escritor, romancista e poeta, mas seu grande destaque foi como pintor. E também que aquela foi uma das principais obras dele.

Antes de fazer uma breve “análise” da imagem, fiz alguns questionamentos a turma relacionados à independência. Perguntei o que eles entendiam por independência, o que achavam que seria uma pessoa independente, e porque a independência era algo importante para o nosso país. Logo após uma breve discussão, entramos de fato no tema da aula: “O reinado de D. Pedro I”, novamente mostrei outras imagens, dessa vez eles se depararam com a imagem de D. Pedro I e D. Pedro II e logo questionei se eles conheciam, ou já haviam visto aquelas imagens. Alguns alunos rapidamente disseram: “É D. Pedro I, eu já vi no nosso livro”, e a partir da resposta deles mostrei que se tratava dos dois imperadores que governaram o Império Brasileiro entre 1822 e 1889.

¹⁰ BOULOS Júnior, Alfredo. História: sociedade e cidadania, 8º ano / Alfredo Boulos Júnior. – São Paulo: FTG, 2009. (Coleção História: sociedade & cidadania).

¹¹ Lucicleide Rodrigues Pereira, é professora de História, formada pela Universidade Estadual da Paraíba.

Ao longo da aula fui mostrando que houve muitas lutas pela tentativa de independência em nosso país, ou seja, a independência não chegou linearmente em todos os Estados, mostrei que em várias províncias brasileiras foi necessário o povo pegar armas para tentar combater militares que eram fiéis a Portugal. Com a ajuda do livro didático, pedi para que alguns alunos lessem para a turma as lutas armadas que ocorreram na Bahia, no Piauí, no Grão-Pará e no Maranhão, e assim consegui perceber o quanto eles gostam de sentirem úteis durante a aula.

Paramos para o intervalo e fiquei surpresa, pois algumas alunas se reuniram e vieram fazer algumas perguntas sobre o assunto, mesmo em meio ao intervalo, lanchando, elas sentiram essa necessidade de saber um pouco mais sobre o assunto, e logo o sinal tocou e todos rapidamente voltaram à sala. Algumas alunas ficavam conversando entre elas no início da segunda aula, mas logo que retomei o assunto começaram a prestar atenção.

Reiniciei a aula mostrando a turma um pouco sobre a criação da Constituição de 1824, o fechamento da Assembleia, já que o Imperador aprovou a lei que os deputados criaram para limitar seu poder, e também a criação do Poder Moderador. Para concluir a aula retomei as questões iniciais sobre a pintura de Pedro Américo, e um representante de cada grupo expôs para a turma as conclusões que chegaram sobre os questionamentos. E por fim, pedi para que cada um dos alunos pudesse escrever, mesmo que em poucas palavras, o que entenderam e o que acharam da aula.

No decorrer da aula eu pude perceber que se trata de uma turma tranquila. Fiquei muito satisfeita com a participação dos alunos, nas leituras durante as aulas, mesmo que no início ainda estivessem um pouco tímidos com a minha presença, e ainda ficarem muito preso a professora, que estava em sala observando a aula, alguns deles conseguiram mostrar entusiasmo, e isso me fez sentir bem, sentir que de alguma forma eles estavam gostando da aula, talvez por eu ter lhes dado a liberdade de participarem de todos os momentos, lendo, questionando, respondendo, enfim, sentindo-se colaborador de aprendizagem. Mas apesar de perceber o entusiasmo da turma, uma aluna, em especial, me chamava atenção durante toda a aula, era uma aluna um pouco agitada, mas que preferia ficar isolada durante a aula. Ela entrava na sala, sentava na última cadeira, colocava o fone de ouvido e ficava lá, no mundo dela, como se nada tivesse acontecendo ao seu redor, mas ficava a me observar, não sei se ela conseguia me

ouvir, mas sempre percebia que estava a me olhar com certo estranhamento. Inicialmente fiquei um pouco incomodada, mas deixei-a a vontade em sala. E assim concluí as primeiras atividades naquela turma.

Fui para a turma do 8º Ano “B” onde também o tema da aula foi “O reinado de D. Pedro I: Uma cidadania limitada”. Diferentemente do 8º Ano “C” nessa turma a maioria era da zona rural, era uma turma bem tranquila e utilizei o mesmo plano de aula para essa turma. Não se tratava de uma turma muito participativa, mas prestavam bem atenção na aula.

Desenvolvemos a aula, mostrei a imagem de Pedro Américo, e assim como na turma anterior foi um dos momentos que eles ainda falaram e questionaram um pouco mais sobre a vida de Pedro Américo tento em vista que se tratava de alguém que de certa forma fazia parte do meio que eles conhecem, pois a cidade onde Pedro Américo viveu está praticamente ao nosso “lado”.

O que pude perceber em relação às duas turmas é que o 8º Ano “C” é uma turma mais participativa e ativa que a turma do “B”. Pude observar também que a mesma aula aplicada em turmas distintas deram resultados semelhantes, porém com uma participação maior e mais aprofundada em uma turma e menos em outra. E assim finalizei o primeiro dia de regência.

Segundo dia de regência

No dia 01 de Outubro de 2013, a professora juntou as duas turmas do 8º Ano para ganharmos e aproveitarmos ainda mais o tempo, pois se tratava de aulas semelhantes. Iniciamos a aula, ainda dando continuidade ao tema: “O reinado de D. Pedro I: Uma cidadania limitada”. A turma entrou empolgada na sala, e um pouco agitada, inicialmente houve um pouco de complicação para controlar a turma, já que a professora achou melhor me deixar sozinha para comandar a sala. Logo perguntei se eles gostavam de desafio, todos disseram que sim e eu disse que na aula seguinte teríamos um desafio de perguntas e respostas sobre nossas aulas e disse que eles precisavam prestar atenção para que pudessem ganhar o prêmio final. Dando início relembrei um pouco do que havíamos visto nas últimas aulas, e logo falei que iríamos começar com a “Confederação do Equador de 1824”. Fiz alguns questionamentos, mas o que eles queriam saber mesmo era o porquê que o violão estava ali, na sala. Eles

ficaram curiosos ao ver o instrumento e logo, aquela aluna que durante as primeiras aulas se sentava lá no fundo da sala com seu fone de ouvido, se aproximou de mim com um sorriso um pouco tímido e perguntou o que eu ia fazer como violão, e que hora eu iria usá-lo e logo perguntei se a turma gostava de música e a maioria respondeu que sim. Expliquei que no final da aula iríamos trabalhar com música, mas que para chegarmos até lá teríamos que concluir nosso conteúdo, e a partir daí eles começaram a prestar atenção na aula. E foi a primeira vez que a aluna que passou a maior parte das aulas ouvindo música parou para poder me ouvir. Eu fiquei feliz ao vê-la prestando atenção e pude perceber que estava trilhando o caminho certo estabelecemos um contato.

Expliquei o que foi a Constituição do Império, quando foi, onde foi e quais foram os motivos que levaram a criação dessa Constituição, mostrando-lhes que “constituição” nada mais é um conjunto de normas do governo, que pode ser ou não codificada como um documento escrito, que enumera e limita os poderes e funções de uma entidade política. Logo após, falamos também sobre a impopularidade de D. Pedro I, principalmente após os acontecimentos em relação à Confederação do Equador, mostrando-lhes que os brasileiros não estavam satisfeitos com a atuação de D. Pedro I e que o Brasil estava passando por sérias crises comerciais, e isso diminuiu ainda mais a popularidade do Imperador.

Logo após uma breve explanação sobre a impopularidade de D. Pedro I, começamos a discutir sobre a Guerra da Cisplatina, foi um momento bem participativo na aula, fiz alguns questionamentos, expliquei sobre o acontecimento e fizemos uma boa discussão. Logo o sinal do intervalo tocou e todos saíram para ir lanchar.

Na volta do intervalo mostrei a eles como seria o desafio da próxima aula, dividimos a turma em pequenos grupos, lancei um questionamento e o grupo que respondesse primeiro e corretamente ganharia o primeiro ponto, foi um momento muito legal, mas logo terminaram. Com o término desse primeiro questionamento fomos para a conclusão da aula.

Perguntei a turma se eles sabiam o que era uma “paródia”, uma das alunas confundiu com a palavra “paróquia” e foi um momento bem descontraído em sala quando ela mesma percebeu que tinha trocado as palavras, mas logo expliquei que se tratava de uma “criação” de uma música a partir da melodia de outra. E para que eles entendessem melhor trouxe uma paródia o início de uma paródia que eu mesma fiz

resumindo as nossas aulas. E logo quando apresentei a primeira parte pedi para que eles me ajudassem a desenvolver e criar a nossa paródia de acordo com tudo que havíamos discutido e apresentado em sala. E com o meu auxílio construímos a paródia, que ficou assim:

Aula de História

Melodia: Show das Poderosas

PREPARA!

Que agora é a hora
Da aula de História
E pra lembrar vamos usar nossa memória
De lutas travadas, de guerras e revoltas.
Onde houve derrotas e vitórias.

PREPARA!

Foi no primeiro reinado que tudo começou
Quando D. Pedro criou o poder moderador
Não estava satisfeito com a constituição
Queria todo o poder em sua mão.

PREPARA!

Que agora é a hora
Da aula de História
E pra lembrar vamos usar nossa memória

De lutas travadas, de guerras e revoltas
Onde houve derrotas e vitórias.

Mas nem todas as províncias com isso
concordou
Em Pernambuco uma Republica nova se
instalou
Lázaro e Frei Caneca no Nordeste iniciou
A “Confederação do Equador”

Com a aversão do Nordeste D. Pedro se deu
mal
O Brasil passou por uma crise comercial
Com a crítica da nação ele não aguentou
E o trono do Império, D. Pedro abdicou.
Ele abdicou
Ele não aguentou
Ele abdicou.

PREPARA!

Primeiramente cantei a música para eles ouvirem e depois pedi para que eles acompanhassem comigo, logo toda a turma se empolgou e fomos cantando a música, a primeira a “puxar o coro” foi aquela aluna “do fone de ouvido”. Ela estava super empolgada, me auxiliou a todo o momento durante a criação da paródia e juntos finalizamos a aula “cantando a nossa história”. É necessário salientar que foi uma aula muito agradável e divertida, e ver todos os alunos saindo da aula animados e cantando foi muito gratificante, pois pude perceber que a música contribuiu para o aprendizado da turma.

Terceiro dia de regência

No dia 18 de outubro de 2013, dei início ao último dia de regência nas turmas de oitavo ano. Deparei-me com algumas dificuldades nesse último dia de regência, pois a professora não pôde estar presente, a diretora também não estava na Escola, e um dos

auxiliares que estava responsável pela escola colocou algumas barreiras para a realização da aula, mas dificuldade à parte, ao chegar à sala encontrei uma turma animada com minha presença e isso me deu ânimo para realizar a aula. Como havíamos combinado na aula anterior, os alunos ficaram responsáveis por estudar tudo que trabalhamos em sala, nas últimas aulas para que fizéssemos um jogo de perguntas e respostas, com o objetivo de trabalhar em grupo, pesquisando, interagindo e discutindo para que descobrir se de fato o assunto tinha sido compreendido pela turma.

Iniciamos as últimas aulas dividindo a turma em cinco equipes de cinco pessoas, cada equipe recebeu uma plaquinha que seria utilizada para escrever as respostas corretas. A cada questionamento todas as equipes ganhavam 1 minuto para discutir entre si sobre os questionamentos, e após o término do tempo determinado, todas as equipes levantavam as plaquinhas com as respostas que achavam corretas.

Foi um momento de muita interação e discussão em sala, os alunos mostraram-se de fato competitivos e todos estavam trabalhando para conseguir ser “o vencedor”.

A turma decidiu ficar na sala na hora do intervalo para dar continuidade a “competição”, já que após o intervalo a escola iria liberá-los, no final de todos os questionamentos, mostrei as equipes o gabarito, e a equipe 2 foi a vencedora, acertando todas as questões. Confesso que me surpreendi com a desenvoltura da turma, foram poucos os erros, eles realmente mostraram que estavam compreendendo o assunto e isso me deixou muito feliz. No final entreguei a caixa de chocolate, que era o prêmio final para a equipe campeã, e me despedi da turma.

Inesperadamente na equipe campeã estava aquela aluna que no início das aulas preferia ficar no fundo da sala com o fone ouvindo música, e foi ela que em nome da turma me agradeceu e pediu para que eu pudesse voltar a dar aulas na turma. Fiquei imensamente feliz e percebi que se não todos mais a alguns eu de fato pude auxiliar no aprendizado, utilizando aquilo que considero “melhor” em mim que é a música.

Foi uma experiência de fato muito gratificante. Senti que de alguma forma consegui ajudar no aprendizado daqueles alunos. Ver a interação e o trabalho em equipe entre eles foi muito importante, pois pude perceber que é um método que dá certo, mesmo tendo alguns que ficam mais acanhados dentro das equipes, mas ainda assim conseguem interagir uns com os outros. Conseguir fazer com que eles se divertissem em

meio a uma aula, que muitas vezes eles acham chata, era um dos meus objetivos, e acredito que de alguma forma, em meio à aula, com a música, com os questionamentos ou com o desafio lançado eu consegui fazer com que eles se divertissem e também ajudei a aguçar o desejo deles de ter outras aulas com metodologias distintas do que estão acostumados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado tem uma grande importância em nossa vida acadêmica, pois é através dele que temos a oportunidade de colocar em prática tudo o que vimos durante o nosso curso de graduação, principalmente nas disciplinas de Prática e Didática, ou seja, é nesse momento que podemos colocar toda a teoria ensinada, e discutida ao longo de nossa graduação, em prática. E é, principalmente, nesse momento de prática, de vivência com a nossa futura profissão que conseguimos sentir e aprender, ainda mais, sobre o papel do professor.

A música como instrumento de aprendizagem foi uma metodologia utilizada durante as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, na tentativa de desencadear algumas atividades que pudessem mexer com a inteligência e o desenvolvimento do aprendizado do aluno, tendo em vista que a música está presente em nossa vida, e não falo apenas da música instrumental, mas de todos os sons que nos rodeiam diariamente, essa junção “música/aprendizagem” tornou as aulas mais alegres, dinâmicas e descontraídas.

Tendo em vista as experiências vivenciadas ao longo do Estágio Supervisionado II, pude perceber que a inserção da música como instrumento de aprendizagem dentro da sala de aula pode trazer grandes vantagens para o aprendizado dos alunos, e ao ver os resultados dessas experiências compreendi que é nessa direção que devo seguir, pois a música veio costurando a minha vida pessoal e agora vejo que também está dando mais sentido a minha vida profissional.

Oferecer o que temos de melhor para nossos alunos é uma forma extraordinária de nos sentirmos realizadas ao longo de nossa profissão, tendo em vista que, o aluno aprende se divertindo, e eu, como professora, também me divirto ao ensinar e isso torna o ensino/aprendizagem ainda mais prazeroso.

A música, a meu ver, não veio para substituir nenhum tipo de aprendizagem, mas, para complementar, ou seja, ela, a música, é mais um instrumento colaborador de aprendizagem, que muitas vezes facilita o entendimento do aluno, e faz o aluno sentir-se participador da elaboração do conhecimento, e quando estes, os alunos, conseguem

enxergar-se como parte da construção do conhecimento, o aprendizado flui naturalmente, tornando a aula ainda mais participativa e prazerosa.

É notório que a prática não é tão fácil como muitas vezes imaginamos que seja, pois nos deparamos com as mais diversas realidades e situações, mas faz-se necessário salientar que parte do professor a responsabilidade de dinamizar e tentar fazer relações entre os assuntos que serão estudados e a realidade vivenciada pelos alunos, pois fazer relações ajuda na assimilação do aluno. A utilização de músicas e também a criação de “paródias” foi uma maneira encontrada para ajudar no desenvolvimento dessas relações, ou seja, serviu de auxílio para fazer uma ponte entre o que está “distante” e o que está “próximo” a realidade do aluno.

Por fim, vejo que me encontrei profissionalmente a partir do momento em que inseri a música dentro das aulas e pretendo assim continuar. A música norteia o meu modo de ensino, e é nessa perspectiva que devo seguir, pois me realizo não apenas profissionalmente, mas também como pessoa. Ao longo da minha vida profissional a música será sempre um instrumento de colaboração para a aprendizagem e é da música que pretendo mostrar aos alunos que aprender é também uma forma de diversão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005. 4. Ed. - (Coleção como usar na sala de aula)

FONTANA, Roseli e CRUZ, Nazaré. **O papel da brincadeira no desenvolvimento da criança e A brincadeira na vida e na escola**, in Psicologia e trabalho pedagógico, SP: edit. Atual, 1997.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

LOPES, A. O. **Aula expositiva: superando o tradicional**. In: VEIGA, I. P. A. Técnicas de ensino: por que não? Campinas: Papirus, 1991.

NEMI, Ana Lucia Lana. MARTINS, João Carlos. **O tempo vivido: Uma outra História**. São Paulo: FTD, 1996 .

SOUZA, Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 287p. (Coleção Músicas) – 2ª edição.

Livro didático

BOULOS Júnior, Alfredo. **História: sociedade e cidadania, 8º ano** / Alfredo Boulos Júnior. – São Paulo: FTG, 2009. (Coleção História: sociedade & cidadania).

Discografia

"**Alegria, Alegria**" é uma canção da autoria de Caetano Veloso que foi um dos marcos iniciais do movimento tropicalista em 1967. A single foi lançada (com Remelexo no lado B) em 1967 e também integrou o álbum Caetano Veloso, do mesmo ano.

"**Meu Vaqueiro, Meu Peão**" composição de Rita de Cássia, gravado em 1993 pela banda Mastruz com Leite, torna-se um hino dentro do forró.

"**Show das Poderosas**" composição de Anitta, gravado em 2013.